

VIII CONGRESSO INTERNACIONAL

Convergencia, movimento lacaniano para a psicanálise freudiana
¿QUE ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA HOJE EM DIA?

Barcelona, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023

"A resistência do psicanalista em preservar a teoria; hoje".

Eva Lerner

.....

A resistência que um psicanalista deve atualmente combater dentro de si mesmo, diante das variáveis que surgem na sexuação, refere-se a não seguir o caminho errado, acreditando que se trata de atualizar a teoria psicanalítica de acordo com a subjetividade de cada época, como já aconteceu várias vezes na história da psicanálise. Que um analista não pode ficar alheio a isto é o mesmo que dizer que se ressignifica com os significantes de seu tempo e de seu estilo, suas maneiras de reinventar a psicanálise para que ela não se torne letárgica.

Uma longa lista de fenômenos caracteriza nossa situação atual: mudança de sexo, assexo, leis de diversidade sexual, ovodoação e doação de esperma, gravidez para mulheres solteiras, maternidade, maternidade em casamentos iguais, educação sexual para crianças nas escolas, acordos pré-nupciais, uso de linguagem inclusiva, etc. Nesta longa lista há avanços que foram alcançados graças às lutas feministas¹ e outros que surgem como resultado do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Há um feminismo - ao qual adero - que exige igualdade de direitos civis, sociais e trabalhistas para as mulheres. Suas conquistas através das lutas de gerações de mulheres são notáveis, graças às quais hoje podemos votar, sustentar uma prática profissional com direitos iguais sem tetos de vidro e sem cotas para as mulheres e também lutar contra o femicídio.

Mas é o feminismo hegemônico que é a concepção dominante, a que sustenta as acusações contra a psicanálise como patriarcal e heteronormativa e se baseia no uso

¹ Já em 1871, Lou Andreas Salomé, juntamente com escritores, pensadores e feministas, assinou a petição para não condenar homossexuais à prisão e para emendar esse parágrafo do código penal do Terceiro Reich.

dos conceitos de "falo" e "pai". E é a que nos convida a fazer alguns esclarecimentos. Primeiro, devemos lembrar que o conceito de falo se baseia no pênis, embora não se refira a ele. Pelo contrário, refere-se ao fato de que nem mesmo o pênis, agalmatizado pela humanidade desde os primeiros tempos das civilizações e religiões, pode imitar o conceito de "tudo absoluto". "Falo" é o significante da falta, porque o falante não deve sê-lo, para poder acessar a palavra: e isto é o que chamamos de castração simbólica. Freud sempre admitiu a bissexualidade inerente do falante e não deixou de conceituar a importância das saídas edípicas diferentes para a sexualização. Ele sempre sugeriu não patologizar e embora seus escritos e os de Lacan tenham um selo de época, devemos enfatizar que ambos previram tempos futuros e as consequências na clínica psicanalítica das mudanças epocais. Portanto, eles testaram muitos conceitos conjecturando as mudanças nas vestiduras imaginárias, tais como o sintoma histérico em Freud, e o declínio do pai em Lacan.

Há um limite do Real diante do qual o humano falante deve parar, no que se refere à diversidade do seu espectro corporal e na diversidade da aparência que ele escolhe. Isso é que, em última análise, os cromossomos xx e xy não apenas não serão modificáveis, mas também não serão capazes de mudar com variações de época. Hoje o axioma *madre certissima padre incertum est* mudou e o pano de fundo dessa mudança é a multiplicação de funções pelo declínio do pai e não pelo autoritarismo paterno.

Os psicanalistas não levantamos bandeiras nem sabemos qual é o bem da humanidade. Nós cuidamos do que lemos e essa é a ética na qual nossa prática se baseia.

A teoria psicanalítica não é modificada porque as vestiduras do tempo mudem. O sintoma histérico não se refere mais hoje a fantasias sexuais proibidas, nem há conversão de gravidez histérica. Freud já havia antecipado, quando apontou que, com a pílula anticoncepcional e a não sanção das relações sexuais fora de um casamento,

algumas das conversões históricas variariam seu disfarce. Os sintomas de hoje são diferentes, mas a estrutura do falante não mudou.

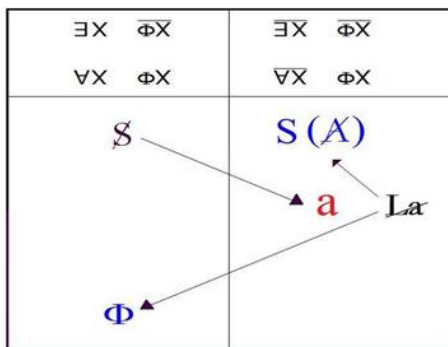
O Matema da Sexuação não precisa ser modificado; ele permite que todas as variações que ocorrem em cada época sejam escritas. É uma resistência do analista não poder lê-las e assumir, em vez disso, que a psicanálise tem este limite e deve ser *aggiornada*. São os sintomas atuais que devemos colocar através da peneira da teoria.

Lemos na tabela inferior do Matema da Sexuação que todo ser falante deve chegar a uma posição que chamamos de fálica para poder falar e para toda atividade desejante no laço social, nós o escrevemos $\$$. Uma posição fálica para adquirir, para ambos os sexos, trabalhar, fazer amor, gerar e dar à luz uma criança e poder recebê-la. Não é sem ser sujeito da própria palavra que se chega a isso.

Isto é para aqueles que se dizem homens e para aquelas que se dizem mulheres.

Sem ter feito uso da inscrição do falo como falta, a pessoa habita a linguagem, mas não consegue ter a sua própria palavra.

No Matema da Sexuação, do lado esquerdo, tanto homens quanto mulheres estão inscritos para advir falantes. Sem o que chamamos o Nome do Pai, definido como aquela escansão necessária, que diz "não" ao vale tudo, ninguém fala em seu próprio nome. É por isso que não há complementaridade entre os sexos, nenhuma correlação possível de ser escrita, e o dizemos assim: não há relação sexual.



A declaração de sexo é um fato discursivo e é direito de todo falante de se autorizar a si mesmo como uma pessoa sexuada. Isto pressupõe uma condição prévia do Outro,

que ele deseje um sexo para seus filhos. Estamos vivendo numa época em que um erro tão grave está sendo proclamado como a suposição de que o sexo é escolhido e nada tem a ver com o desejo do ~~Outro~~, mas sim com o gênero "autopercebido" em uma idade precoce, como estabelecido pela Lei de Identidade de Gênero argentina. Nossa posição no debate entre disciplinas importa e, acima de tudo, nos devemos à ética do desejo nas análises que realizamos. Se uma garotinha diz à mãe (que é nossa paciente): "quando eu crescer eu gostaria de casar como você com um menino tão fofo como meu pai e ter filhos pequenos" e seu pai querendo ser moderno e "*open-minded*" intervém, para espanto da mãe, dizendo: "você não sabe se você vai ser lésbica, filha, não se adianta", a palavra funciona como um desejo para a menina, quando na verdade, questionado por sua esposa – que sabia que ele adorou o nascimento de uma filha, menina – por que ele disse isso, acabou sendo um ditado superegoico do pai que temia ser heteronormativo, caindo no erro simétrico e oposto. Hoje a questão se estende ao que é chamado de *movimento trans* num contexto que questiona várias disciplinas, pelo menos no Ocidente, e que já saiu do controle da própria Judith Butler porque *o trans* se estendeu da suposta "liberdade" concedida pela transexualidade para a transexualidade, que apóia a pedofilia e a transespécie (relações com os animais).

Não é uma questão de mudar a teoria. A própria psicanálise no Matema da Sexuação é suficientemente resistente para resistir à investida de tal verificação,

Se nos voltarmos para o lado direito deste Matema, um fim de análise é sancionado como tal, no acesso à feminilidade para cada ser falante; também para aqueles que se dizem homens, é o acesso a um não-tudo fálico. Portanto, nem heteronormativo nem patriarcal como psicanálise é acusado de ser; pelo contrário, muito respeitoso de escutar caso a caso e *a posteriori* poder situar, sem preconceitos, o caminho de cada pessoa em sua sexuação, levando em conta os dois tempos de sexuação: um, o da identificação sexual e outro, o da escolha do objeto, sem confundir os dois.

O politicamente correto pode ser uma nova forma de segregação, censura e discriminação. Nós, nos preocupamos com o sujeito.

Em conclusão, direi que o matema abriga em seu seio a diversidade das variáveis de gênero atuais e, portanto, a possibilidade de ser lida a partir da psicanálise.